

RESENHA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA¹

Franquilana dos Santos²

Igor Fernando dos Santos

Lannardelli Carolini Braga

Thays Teixeira Costa

Ronald Beline apresenta no texto *A variação linguística* um estudo de extrema relevância. Abordando questões relacionadas às diversas variações contidas na modalidade falada da língua. Suas análises baseiam-se principalmente no entendimento de que toda língua deve ser considerada como um produto sociocultural e conseqüentemente, encontra-se sujeita a variações, uma vez que, assim como há diversidade de povos e culturas, também há multiplicidade de idiomas e sotaques em todo o mundo.

As variações não se limitam apenas às nações diferentes, é possível notar diferenças dentro de um mesmo país e de uma mesma língua, isto é, em várias regiões de um mesmo país, falam-se modalidades distintas daquele mesmo idioma.

Essas diferenças de variações estão presentes no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Levando-se em conta o aspecto social, podemos observar que tais variantes ocorrem devido ao espaço geográfico, ou seja, local de origem do falante (variação diatópica), às classes sociais (variação diastrática) e relacionadas ao contexto no qual o falante se encontra num dado momento e a maneira que ele deve adequar seu discurso (variação diafásica).

Ao sociolinguista variacionista, cabe compreender de que modo essas variações ocorrem. O trabalho de Beline dimensiona quantitativamente a variação linguística, relacionando vários dados entre si de maneira estatística, obtendo-se daí pareceres e conclusões cruciais no que tange à forma e à frequência das variações dentro das numerosas comunidades falantes analisadas.

¹ BELINE, Ronald. A variação linguística. IN: FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística. 2003. Disponível em: www.livrosgratis.net (arquivo zip – formato pdf)

² Acadêmicos do 2º período do Curso de Letras da Faculdade Padrão - Goiânia. Resenha elaborada para a conclusão da disciplina Linguística II – Sociolinguística e Psicolinguística, sob orientação da profª Ms. Ester Ferreira.

É também demonstrado àqueles que venham a desenvolver pesquisas na área, os passos necessários para a realização adequada, contextualizada e confiável de um estudo mais aprofundado do tema, tais como: coleta de dados (feito principalmente através de gravações de conversas com o falante pesquisado) e levantamento de hipóteses explicativas antes que tudo seja levado à análise estatística devida. Sempre é dada ênfase aos chamados fatores extralinguísticos, que são: idade, sexo, nível de escolaridade, nível social e econômico do falante. Os quais são essenciais para definição das diferenciações linguísticas entre a grande gama de comunidades de fala existentes.

O autor ainda apresenta assunto relacionado ao sintagma nominal. Há, no estudo sincrônico uma substituição dos clíticos (o, a, os, as) pelos pronomes lembretes (ele, ela, eles, elas). E também a preposição ‘a’ perde seu valor. Ao invés de cumprir sua função de substituir um termo, ela está sendo substituída. Isso ocorre, pois não há, na fonética brasileira, distinção entre a preposição “a” e a combinada com o artigo, que resulta a crase “à”, podendo causar ambiguidade.

Conclui-se então que, de acordo com o vasto campo de estudo da sociolinguística variacionista, há muito a ser feito ainda e o trabalho e esforço árduos, por parte dos estudiosos, serão fundamentais com objetivo de identificar os inúmeros grupos de falantes e as características que aproximam e distanciam essas comunidades.

Nosso país ainda se encontra longe de ter todos os estudos linguísticos em seu vasto território completados, mas o caminho está sendo trilhado e com dedicação e empenho dos pesquisadores, será possível catalogar, descrever, quantificar e analisar pormenorizadamente toda vastidão dialetal existente no Brasil, isto é, a diversidade linguística do português brasileiro principalmente na modalidade falada.

Texto recebido em 20/07/12.

Aprovado em 20/09/12.